

RESENHA / BOOK REVIEW

CAMPOY, LEONARDO CARBONIERI. *TREVAS SOBRE A LUZ – O UNDERGROUND DO HEAVY METAL NO BRASIL*. SÃO PAULO, ALAMEDA, 2010.

JOYCE LOUBACK LOURENÇO¹²

A Nation, a struggle, a weapon, our music
Sepultura³

Nossa verdadeira PÁTRIA é o Black Metal e a escuridão que o
cerca!
Mantus (vocalista/Banda Pátria) ⁴

O verso da canção *Sepulnation*, da banda Sepultura, maior ícone do Heavy Metal brasileiro, é uma boa metáfora sobre o poder do estilo musical e o que representa a música do grupo para sua legião de fãs. A música é uma batalha que engendra uma nação de indivíduos *que não são como os outros*⁵ e forma uma comunidade imaginada, global, uma irmandade que consagra não apenas um estilo musical de sua preferência, mas um modo de vida único; uma moralidade

1 Joyce Louback é doutoranda em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), Brasil, e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: joycelouback@gmail.com.

2 Agradeço ao parecerista pelos comentários, críticas e sugestões ao meu trabalho. Um agradecimento especial ao colega Rodrigo Ribeiro pela leitura atenta e revisão da primeira versão do texto.

3 SEPULTURA. *Sepulnation*. In: SEPULTURA. *Nation*. Manaus, Roadrunner Records, 2001.

4 MANTUS. Entrevista. In: GARCIA, Marcus. “Pátria: ‘Nossa Pátria é o Black Metal e a escuridão’”. Disponível em: <http://whiplash.net/materias/entrevistas/118936-patria.html>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

5 Tradução livre da canção “We who are not as others”. Banda: Sepultura. Álbum: Chaos A.D. Gravadora: Roadrunner Records, 1993.

que rejeita símbolos, modismos e visões de mundo padronizadas, consideradas “inautênticas”. Embora o estilo musical esteja inserido nos parâmetros da indústria fonográfica e seu sucesso ao redor do mundo seja explicado pela ampla distribuição e consumo massificado dos álbuns, a participação das bandas em grandes festivais, etc., existe muito mais na relação entre os fãs e a experimentação do gênero por intermédio da grande mídia.

Trevas sobre a luz – O underground do Heavy Metal extremo no Brasil, de Leonardo Carbonieri Campoy (2010), é um estudo de antropologia urbana dedicado à dinâmica interna da cena *underground* extrema, cuja lógica de organização e funcionamento opõe-se diametralmente aos processos de produção da cultura massiva. Ganhadora do prêmio de melhor dissertação de mestrado no “Concurso ANPOCS de Obras Científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais – Edição 2009”, a etnografia analisa o *underground* do metal extremo como prática urbana que, a partir de um estilo musical que prima por uma sonoridade agressiva, estética grotesca e uma temática que explora aquilo que é considerado horrível e abjeto, é capaz de construir um mundo social altamente complexo, governado por regras de circulação de produtos e pessoas particular. A música é o fio condutor de um estilo de vida que é performatizado no *underground*, por excelência.

O estudo de Campoy é guiado pelo par de oposição *underground/mainstream*, categorias que indicam um conteúdo valorativo que define . O autor elabora um quadro conceitual que diferencia os dois termos através de quatro formas características fundamentais: amplitude da circulação, motivos e objetivos, relação do produto com a pessoa e valoração (p.97) . A partir desta oposição, nota-se que a conceituação dos termos é feita sempre atendendo a um sentido positivo e negativo, respectivamente. As relações estabelecidas no *underground* são sempre, de acordo com seus praticantes, reais, verdadeiras, legítimas, contrariando as condições de produção do *mainstream*, que visam sempre a “fama e o lucro”. O *underground* é o espaço onde a circulação dos produtos é restrita, e a relação dos seus praticantes com a arte é baseada em critérios pessoais, motivados por ideais e atitudes.

“O *underground* do metal extremo brasileiro é algo no qual se ingressa” (p. 36). Os relatos dos indivíduos que vivenciam a cena *underground* descrita no livro descrevem sua experiência no chamado

mainstream como incompleta, na medida em que o universo construído pelas grandes gravadoras, mídia especializada e, é claro, as bandas consagradas não lhes oferece a satisfação e o envolvimento mais profundo que se deseja. Para o indivíduo que atua no *underground* do metal extremo, música não é consumo e fruição. O metal extremo é para ser vivenciado, produzido, experimentado cotidianamente e atualizado a cada encontro, a cada prática coletiva. Como resposta ao impacto provocado pela brutalidade estética e todo o significado deste contato, o indivíduo deixa de ser fã apenas e passa a dedicar-se ao *underground*, seja montando bandas, organizando eventos, publicando fanzines, etc. “Manter a chama do *underground* acesa” (p. 36) implica em ultrapassar a barreira do comércio e de um consumo distanciado da produção, sem envolvimento como o produto. O *underground* é construído exclusivamente pelos seus praticantes e, por isso, deve-se lutar para a sua manutenção contínua, sua sobrevivência em face de um grande mercado cujo funcionamento é favorável ao seu esmagamento.

A economia do *underground* caracteriza-se pela total autonomia e controle das etapas de produção da música. Para compreender como se estrutura o mercado alternativo formado pelo *underground* nacional deve-se olhar para sua produção material e suas particularidades, sempre em oposição ao universo das gravadoras *majors* e dos grandes planos de marketing por trás do sucesso de artistas mundo afora. Neste sentido, a qualidade do material e a profissionalização devem, necessariamente, dar lugar a espontaneidade e legitimidade (cruzeza) da música. No *underground*, faz-se música por amor e por identificação. Neste sentido, a comercialização da música no *underground* visa à divulgação do estilo, o estabelecimento de contatos e proporciona a circulação de pessoas Brasil afora. A ligação entre os praticantes do estilo, mantida via cartas e e-mails, garante a divulgação dos produtos, além de proporcionar às bandas convites para a realização de shows em diferentes cidades.

O que define a lógica de funcionamento do *underground* é o princípio da retribuição. Para as bandas que participam dos eventos no *underground* não há cachê, garantia de equipamentos de qualidade, hospedagem, alimentação, ou seja, não há espaço para as exigências das bandas profissionais. Contra a lógica mercadológica há o “apoio” mútuo, já que os organizadores e fãs/músicos sempre “dão uma força” para compensar os gastos e o pouco retorno financeiro dos

shows. Acertadamente, o autor compara tais eventos com as “ilhas no Kula descrito por Malinowski” (p.73), em que os mundos artísticos circulam pela cidade no afã de realizar trocas de metal extremo (p. 255). É inevitável pensar também em Marcel Mauss (2003) – citado pelo autor ao longo do livro – e a sua noção de *reciprocidade*. A noção da dádiva tratada por Mauss é serve para compreender-se o ciclo ‘econômico’ *underground*. A dádiva é, pois, o mecanismo de integração social que faz funcionar o mercado, na medida em que as coletividades mantêm relações de obrigação recíprocas, marcadas pelo dar, receber e retribuir. Segundo Mauss, o que caracteriza essa relação é que, ao contrário das trocas comerciais consagradas pela economia capitalista, aqui “misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas” (MAUSS, 2003:212). Como vimos no estudo de Campoy, vida e música estão misturadas, enquanto a preeminência do lucro das transações comerciais seriam objetivos do *mainstream*. “Distante dos vínculos mercantis” (p.80), os indivíduos mantêm seu estilo de vida a partir da colaboração e retribuição daquilo que lhes é oferecido e que é viabilizado pela música em si.

Saltam aos olhos a qualidade da etnografia produzida por Campoy e a capacidade do seu estudo demonstrar os meandros do *underground* nacional, espaço pouco tematizado e em certo sentido desconhecido pelo público em geral. Sua pesquisa foi realizada entre os anos de 2003 e 2007, em cidades de regiões distintas do país (Juiz de Fora, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, entre outras), que compõem um circuito invisível por onde percorrem música, músicos, fãs, material fonográfico de toda ordem (EPs, LPs, Demos) que ajudam a divulgar e manter em funcionamento o *underground* nacional. Os depoimentos dos entrevistados, bem como a seleção do material gráfico (fotos, encartes de álbuns, *fanzines*, cartazes de shows, entre outros) dão a dimensão exata do que é e como são formadas as relações no *underground*. As imagens traduzem eficazmente o conteúdo ideológico e estético dos estilos musicais praticados nesse espaço. Afinal, trata-se de mostrar que um *fanzine* não é um mero veículo de divulgação das bandas, mas uma publicação dedicada aos apreciadores das obscuras vertentes do metal e um propagador de ideologias, bem como o encarte dos álbuns são elementos que compõem a estética brutal daquele tipo de música.

O autor acerta em não apresentar didaticamente uma genealogia do

Heavy Metal, entretanto, há uma classificação bastante interessante das vertentes que compõem o que chamamos de metal extremo, a qual dá uma ideia geral do estilo de vida dos seus praticantes e ajudam a situar o leitor pouco afeito às vertentes musicais tratadas. À luz das definições mais ‘técnicas’ das vertentes tratadas e dos depoimentos dos seus fãs, conhecemos estilos que expõem imagens violentas como “um culto às coisas podres de ordem patológica” (p.141) (*Gore/Grind/Splatter*); os que tratam da realidade do mundo nua e crua (Thrash Metal); aqueles que tematizam a atmosfera soturna e melancólica da existência humana (*Doom Metal*); e ainda os que exploram temas niilistas (*Death Metal*). Apesar da importância desses estilos, Campoy dedica um capítulo inteiro ao mais extremo dos subgêneros do metal: o *Black Metal*.

A atenção especial dada pelo autor a esta vertente demonstra sua conclusão de que “pelas trevas do *Black Metal*, jogamos luz no *underground* enquanto um modo de vida” (p. 234). A cosmologia *Black Metal* é composta por elementos que caracterizam a guerra contra tudo o que é falso e, neste sentido, a ideologia anti-cristã e os valores da modernidade são a expressão maior de toda a hipocrisia que rege o mundo. Desta forma, o extremismo deste subgênero só pode ser vivenciado no *underground*, espaço em que o indivíduo praticante do estilo constrói sua experiência. Palavras como bravura, orgulho, honra, coragem, lealdade dão o tom de um discurso que nunca aparece dissociado da prática. O “espírito *underground*”, segundo os fiéis seguidores do metal extremo, carrega em si o imperativo da defesa da música verdadeira contra a falsidade e mediocridade do mundo. O estudo de Campoy conclui que “metal extremo só é extremo se for *underground*, e *underground* só é *underground* se for extremo” (p. 239). Esta prática urbana não existe sem a música e a sua estilização. A cidade é o cenário da luta pela manutenção de um espaço governado por regras de solidariedade, espírito coletivo, legitimidade e uma identidade comum – engendrada por um gênero musical –, que em alguns momentos é capaz de suspender a ordem vigente e, ao seu modo, ergue um espaço imaginário regulado por estes valores. Os lugares mais precários e obscuros da cidade são ocupados pelos ‘guerreiros’ do *underground* para a realização dos shows, aqui encarados como verdadeiros rituais em que a ideologia e a luta pelo são celebradas. Contra a luz das cidades, as trevas se impõem e atravessam a urbe, além de trafegar pelas mais distintas regiões do

país, gerando um circuito, um corredor identitário por onde passam pessoas e coisas, sempre no intuito de consagrar uma “filosofia de vida extrema” e rejeitar o mainstream. O metal extremo constitui uma verdadeira pátria, uma comunidade na qual se compartilham interesses, valores e ideias. A escuridão, tal qual aponta o vocalista Mantus, da banda de Black Metal Pátria é o que une os praticantes do metal extremo e, por consequência, o *underground* nacional.

Dos grandes méritos de “Trevas sobre a luz...”, certamente o maior de todos é fazer um trabalho sobre um tema ainda desconhecido e pouco explorado pela academia. Embora haja uma legião de fãs do estilo no país, a produção intelectual sobre o tema ainda é pontual e, neste sentido, o livro de Campoy preenche uma lacuna importante na literatura acadêmica. Outro ponto interessante do livro é o posfácio no qual o autor explica o processo de transformação de um estilo de vida em objeto de pesquisa. Todos os percalços da passagem do fã a pesquisador estão presentes no relato honesto e apaixonado de Campoy, que apresenta os desafios e surpresas intrínsecos ao trabalho de campo. A declaração final do autor fornece um bom caminho para pensar o fazer antropológico, metodologia e o grau de envolvimento do pesquisador com o seu objeto de pesquisa. No fim, fãs e não-fãs, do estilo percorrem o universo do metal extremo através de uma narrativa intrigante, que desvela os caminhos através dos quais se manifestam nos cantos mais improváveis das cidades brasileiras.

Referências bibliográficas

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. (2010), *Trevas sobre a luz – O underground do Heavy Metal no Brasil*. São Paulo, Alameda.

MAUSS, Marcel. (2003), *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify.

Recebido em 12/06/2013
Aprovado em 15/07/2013